

vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade de controle

edson passetti*

Conexões libertárias são provocadas por encontros intensos que promovem reviravoltas. Dissociam obra e autoria, abolindo a relação direta, imediata, indissolúvel, a totalidade explicativa e definitivamente verdadeira, a crença em que cada palavra deve convencer que está confessando a vida, expressando a verdade verdadeira. Opor a autoria à vida, isentando a literatura do autor ou do seu ponto de vista, como se dois mundos autônomos existissem, compostos por real e ficção, tampouco nos leva a experimentar libertarismos provocados pelas escolhas dos escritores ou de quem escreve para o público.

Há escritas que inventam preciosas reviravoltas em seus redatores. Elas vão de anotações em pequenos papéis, a deliberados diários, a arquivo bloqueado por senha no computador, sem a preocupação com a expressão literária. Entretanto, de qualquer maneira, por um instante, qualquer pessoa é ou já foi um escritor, mes-

* Coordenador do Nu-Sol, Professor no Departamento de Política e no PEPG-Ciências Sociais, PUC-SP.



verve

Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade...

mo que isso tenha se passado somente na memória de cada uma como pequenas ou intermináveis matérias imateriais, escritas no pensamento durante o trajeto de ônibus ou trem, envolvendo pessoas próximas, mortos que adquirem vida ou apenas personagem que aparece para desaparecer em seguida, ou nos acompanhar como lembrança de uma pessoa inexistente. As conexões libertárias fazem mais do que isso. Estabelecem exterioridades, mostram múltiplas subjetividades, fogem dos conceitos, escapam de ser apanhadas pelas formalidades para nos pegar a contrapelo. O libertarismo evita a identidade e a classificação, para festejar coexistências. A obra, a existência da pessoa, um fragmento capaz de gerar transgressões, acontecimentos assim, acompanham os libertários em suas experimentações. O libertário é um viajante, evita itinerários, é um anarquista insatisfeito que se problematiza e que não admite ser confundido com o liberal.

Um escritor que se declara liberal, que atua na política como tal, muitas vezes dá, aos seus livros, intensidades libertárias radicais. Talvez isso ocorra pela proximidade entre anarquistas e liberais acerca da redução dos exercícios de autoridade e da importância da liberdade; da liberdade como tema e vivência preciosa; e da instável condição de existência, um escritor, cidadão liberal produzindo literatura, passa a ser apenas uma pessoa libertária, capaz de abolir as hierarquias, de perseguir vidas intensas de pessoas conhecidas ou escancarados personagens como ficções verdadeiras que estabelecem uma nova política da verdade para dissolver a biografia, o depoimento verossímil ou a documentação arquivada. O escritor mostra, com essa atitude, que a invenção provoca reviravoltas e se opõe ao acabado poder da criação; e trata de reais e inventados percursos da vida das personagens, depoimentos ou arquivos,

incluindo a sua própria experimentação de vida revisitada, pelo ponto de vista de sua existência atual.

Um jovem artista, do qual nada sei sobre o que pensava a respeito de política, com suas peças artísticas, provoca sensações, conexões e atitudes libertárias; e isso importa. Um leitor mais apressado poderia dizer que toda arte busca a liberdade, a perfeição, o equilíbrio ou o transtorno. Eu, um anotador de casos, apenas estou interessado no que é realizado e no que faz com que as peças produzidas pelo artista não adquiram *vida* independente, nem *aura* (a não ser para o colecionador, o *marchand*, as *regras* do mercado ou os *ditados* dos críticos). Lá com estas obras está a vida do autor, impregnando cada objeto de subjetividades, também parte da longa vida vivida de cada um, um dar de costas à Vida, esta coisa transcendental que se quer modernamente finita em cada humano e infinita enquanto utopia e construção ininterrupta de um modelo.

Um escritor fala de um ponto de vista. Se isso é literatura, se tem durabilidade e é preciosa, vai depender das condições de acesso a estes escritos *literários*. Não havendo acesso *livre*, apreciações à parte sobre a *auto-ria* se desvanecem. O autor, essa criação individual da modernidade, o realizador de uma capacidade superior e particular da cultura ocidental, domina palavras, técnicas, regras e contra-regras, para perpetuar uma maneira de registrar o *mundo*. Outras maneiras, de outros pontos de vista, de outras regiões, de *estados do ser*, como disse Antonin Artaud, ou de expressões destes estados do ser facilitadas pela escultura, a pintura ou os bichos fez das atividades de Nise da Silveira uma *facilitadora* de experimentações para os *loucos internados* depois reconhecidos artistas (que o mercado, os críticos ou os *marchands* saudaram mais tarde). De certa maneira, é em busca de sua liberdade que se escreve, pinta, cons-



verve

Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade...

trói, redige, ou continua produzindo nas memórias, intermináveis romances, construções impossíveis, preciosas situações poéticas.

Além do livro ou de autoria pessoal e de uma coletânea está a revista. Nela é possível experimentar novos espaços, diagramações, a tiragem de um número único, as mudanças que mostram como seus inventores tratam os temas, os assuntos. Revistas de muitos números, industrializadas, reiteram os modelos e projetam-se como eternidade do máximo extrair do modelo até o esgotamento da forma para ceder lugar a uma outra versão do mesmo modelo. Elas veiculam semelhanças. Nas bancas de jornais podem ser encontradas para consumo da *multidão de alfabetizados*. Não falo dessas revistas, nem de projetos de vanguarda aguardando serem saudados como exemplares. Falo de experimentações disponíveis a convulsionar um leitor, menos por obrigação profissional, surpreendendo pelo acaso que a revista lhe mostra: o que ele pensa e inventa também existe na vida de outras pessoas; é possível escapar do modelo tanto quanto se aproximar de diferentes coexistindo. Revistas desta forma não são perfeitas e equilibradas, ainda que possa nelas se constatar cada *projeto* em curso. A forma da revista está disponibilizada à convulsão provocada pela escrita dos autores. Eles falam de um ponto de vista e reparam em barulhos que a escuta não apreende e em *flashes* que a visão não capta. A revista, assim, provoca liberações.

Falar de liberdade já é em si estabelecer uma conexão libertária voltada para abalar linguagens, obra e autoria, realidade e ficção, escolas e vanguardas. Exercitar liberdade é uma preciosa atividade subversiva. Diante do direito o único, do cidadão a pessoa, do castigo a abolição da pena, da hierarquia as parcerias, da sociedade a associação, do Estado a associação também, da

filantropia a generosidade, da propriedade privada a multidão de mim, do macro o micro sem pretensão à maioria, um nomadismo contra territorialidades, heterotopias diante das utopias.

Um escritor, um artista, uma revista

Pessoas rigorosas indicam as razões de suas escolhas para demonstrar a exposição de seus argumentos. Elas perseguem um percurso em busca de atingir uma finalidade. Mas, ao contrário, ao se considerar a importância dos acasos, a escrita escapa do objetivo perseguido para se apresentar como momento de um acontecimento. Por diversas *razões* que nenhuma Razão consegue explicar, e pelo itinerário irregular da nossa existência, certas leituras e apreciações nos atingem disponíveis, por instantes livres ou deliberadamente resistentes, diante das obrigatoriedades do trabalho capitalista eletrônico, veloz, extenso, devorador de energias intelectuais. De repente um livro, uma exposição e uma revista provocam conexões libertárias, reviram o *estado do ser* e se transformam em escrito para uma revista libertária.

Uma socialista procurando realizar sua utopia, andando pela França, divulgando suas idéias a partir de seu opúsculo *A União Operária: Flora Tristán*. Um artista que abandona uma vida burguesa promissora para ir em busca de um paraíso terrestre, na Polinésia: Paul Gauguin. Avô e neto compõem o duplo que forma o livro *O paraíso na outra esquina*. Do presente ao passado destas existências, Mario Vargas Llosa (Mario Vargas Llosa, *O paraíso na outra esquina*, São Paulo, Editora Arx, 2203, 493 pp.) traça mais que um painel sócio-histórico do século XIX, na Europa, França-Inglaterra, de suas bolsas de valores, clerics, rodas de vanguardistas, burgueses,

verve

Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade...

revolucionários e colônias, na América do Sul (Peru) ou na Polinésia (lá onde os franceses irão testar suas bombas atômicas, na segunda metade do século XX).

Dois livros em um formam um único duplo indissociável. O autor recorre mais uma vez à alternância para apresentar as ambigüidades das pessoas, dos eventos, dos amores, das paixões, das liberdades. Não há um sentido obrigatório para as pessoas, para a história, para as idéias e atitudes. A experimentação da liberdade mostra como é intensa e difícil vivenciá-la. Não cabe ao narrador nos dar um resultado, mas apresentar equações, e assim Llosa apresenta as vidas de liberdade encontradas por Flora Tristán e Paul Gauguin.

Não basta se rebelar contra a condição de objeto de um macho para se fazer uma feminista revolucionária. É preciso arriscar naquele instante que se imaginou encontrar a solução para a vida tranqüila. Flora, filha natural de um homem de família rica de Arequipa, vivendo em Paris, foi para o Peru em busca de reconhecimento. Lá encontrou escravos, um clero rígido, militares patriotas, mulher *marechal* e *solitária noviça* — que foge do convento para permanecer presa numa casa da vizinhança —, miseráveis, pobres e humilhações. Reviravoltas de múltiplas intensidades fazem emergir uma revolucionária de inspiração saint-simoniana que pretende criar o *novo mundo*. Nada mais impedirá a vida revolucionária nem mesmo surpreenderá esta pequena *andaluza*, como chamavam os franceses as mulheres de vasta cabelereira negra. Toda fronteira pode ser transposta, incluindo o amor por outra mulher: Olympia.

Depois de ver *Olympia* de Manet, definitivamente Gauguin soube que desejava ser pintor. Livre da família, dos filhos, do emprego, do que pudesse prendê-lo, mesmo que fosse à utópica *Casa Amarela* imaginada por Van

Gogh para desencadear uma associação libertária de artistas. A arte não estava restrita ao impressionismo francês do ácrata Camille Pissarro ao estonteante holandês. Para Paul Gauguin era mais do que isso. Era preciso encontrar o paraíso, ir habitá-lo, conhecer o mundo dos instintos, o primitivo capaz de abalar a civilização. Polinésia, uma, duas, três mudanças e permanências, com breve regresso a Paris. Nos Mares do Sul, um *paraíso*, depois de sair do continente para a *ilha*, Inglaterra. Como a avó lá foi, ficou, descobriu, contestou e se retirou.

Os percursos destes dois foram paralelos. O dela acontece no final da primeira metade do século XIX; o dele no final do XIX e início do XX. Ambos querem o paraíso, parecem buscar uma finalidade da qual *desistem* para experimentarem trajetos inventados. A vida está em fazer acontecer no instante e não na utopia — precisam menos da utopia, da transcendentalidade cristã —, reinventada em heterotopia dos percursos. Revirar os instintos ou a sociedade encontrando outros lugares (Polinésia para ele, as peregrinações pelas cidades para ela) é a condição de cada existência. Saem de Paris, Europa, para outros lugares. Mas é fora dela que as inquietações ganham força: o Peru faz explodir a utópica revolucionária que agita cada cidade francesa, cada revolucionário socialista que encontra, cada trabalhador que comparece às sessões de debate promovidas por ela expondo as condições de exploração e morte anunciada, modificando-se, tornando evidente não haver receituário para a revolução social. Com Flora Tristán convive-se com diferentes maneiras de atuar para a *nova sociedade*, evitando modelos, determinismo e leis para se rever princípios e inventar novas possibilidades. O percurso de Gauguin também pode mudar a qualquer momento. Apenas o pônei que puxa sua pequena carroça,



verve

Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade...

nas Ilhas Marquesas, no final da vida, é que tem o caminho de cor. Gaugin vai à Martinica, à Polinésia, chega até a pensar que o verdadeiro paraíso estivesse na Ilha do Diabo, a prisão nas Guianas, e delira encomendando-se ao Japão, depois de mais uma aplicação de morfina, à beira da morte, para conter as dores deixadas pela *doença impronunciável*. Com Gaugin convive-se com diversos amigos em todos os lugares, fortes relacionamentos que lhe dão forças para continuar sua luta anticlerical, sustentar os desacatos às autoridades, e mesmo diante de surpreendentes reviravoltas, como escrever idiotices para um jornal religioso para matar a fome, ainda ser respeitado. Loucos agitadores, neto e avó, homem e mulher, artista e revolucionário se complementam.

Flora aprende sobre a revolução escrevendo sobre o mundo que ela vive, fora do pedantismo universitário. Paul pinta o mundo a partir de pessoas livres e abomina a escola obrigatória. Para Flora Tristán, tudo pode ocorrer: bons encontros pessoais com Charles Fourier e Robert Owen; forte lembrança do irlandês parlamentar Daniel O'Connell, ou mesmo um bem-humorado diálogo com um Marx resmungão numa gráfica. Paul Gaugin gostava de mulheres e de garotas e nadou com Jotefa, um *mabu*, maneira comum de ser homem-mulher entre os maóri. Pinta com suas cores vibrantes, inverte e encontra *outra* transcendência, arriscando-se, ultrapassando fronteiras, até inventar sua Casa dos Prazeres, já no final da vida, sem nunca deixar de *educar* a todos à sua volta com as cartas pornográficas, com sua coleção de cartões reproduzindo obras de arte, suas esculturas e bastões. Flora era avessa ao sexo até conhecer o prazer, única vez, com Olympia. Ele foi um apreciador prazeroso do sexo compartilhado, sabendo conviver com as idas e vindas das companheiras maóri e não suportando as regras pudicas da dinamarquesa com quem

casara e tivera filhos. Flora não suportou o sexo com um homem comum europeu que sobre ela se atirava babando; Gaugin queria mais da mulher que o oferecido pelo limite de uma camisola de esposa. Flora Tristán preferiu seguir a tarefa de revolucionária a manter os encontros regulares com a bem colocada companheira, casada com um patriota polonês. Paul Gaugin se deixou levar pelas garotas e mulheres polinésias.

O paraíso na outra esquina, parte de uma referência à brincadeira infantil de se tocar com olhos fechados em busca do paraíso. Traça possíveis percursos de realizações heterotópicas — lugares em que acontecem as utopias. Mostra como ocorre uma heterotopia de percursos, sem começo nem fim; como a de Flora Tristán, no qual se encontram todos os socialismos da época em que os trabalhadores sabiam, com Proudhon, que *a propriedade é um roubo*, e se experimentam as diversas possibilidades de coexistência revolucionária e sexual; uma heterotopia de percursos, como a de Paul Gaugin, que encontra as diversas coexistências artísticas, mas também a liberdade de não assumir contrato com ninguém, mas fazer viver arte e sexo, deslizes, voltas e revoltas, com coragem para seguir convulsionando. A sociedade européia melhor e mais justa foi o sonho de Flora Tristán; uma Polinésia que não se livrou mais dos efeitos da colônia francesa e suas instituições racionais e clericais, a de Paul Gaugin, registrada em telas e textos, segundo a imaginação, como história efetiva. De ambas as formas se vive liberdade pela horizontalidade das relações, evitando dogmatismos e certezas. Só há liberdade onde há vida precária.

Com Flora Tristán e Paul Gaugin o libertarismo permanece vivo na literatura de Llosa, de maneira análoga à que nos tinha levado em *Os cadernos de Dom Rigoberto*, na companhia de outro pintor, Egon Schiele.



verve

Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade...

Sexo e arte não dão sossego à política. Ao tentar matar Flora Tristán, como o fez o escroto marido abandonado, não se matam escritos, nem tampouco os valorizam mais; por serem libertários eles permanecerão atuais, e isso gera o desespero e a violência dos autoritários; pode-se não morrer mais de sífilis, mas se morre de aids; morre-se de sexo para regozijo dos conservadores. Resta a obra. No passado a de Gaugin, agora a de Leonilson (Leonilson, São Paulo, Pinacoteca e Galeria Luisa Strina, julho de 2003), por exemplo. Você leu, viu ou tocou em alguma delas? Um pouco está nos livros de Mario Vargas Llosa. Dez anos após a morte de Leonilson suas invenções estão por aí, dizendo *fique firme, seja forte*: um heterotópico a espera de um autor.

Você prefere ler alguma coisa rápida e contundente? Psiu, pegue *PS:SP*, (Revista *PS:SP*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2003, 104 pp.) leia o conto de André Sant'Anna, *Rush* (que também está em *Geração 90: os transgressores*, São Paulo, Boitempo, 2003, com outro conto arrasador, *Deus é bom n.º. 6*) e conheça muito do que foi a ditadura militar, o fascistinha que vive em cada itinerário recomendado a ser percorrido, até dar de encontro com os conformismos alarmantes descritos por Ivana Arruda Leite (que no *op.cit.*, p. 213, crava: “todo elemento diferenciador configura-se, a princípio, como anomia. Entretanto, se surge uma nova anomia, o que era considerado anômico é imediatamente incorporado ao tipo padrão”), e os desconcertantes diversos contos de autores de São Paulo, do início do século XXI, quando não se fala mais de revolução, mas de reformas, de ajustes, de equilíbrio nas finanças para se chegar à metade do século sem risco de falir o sistema previdenciário como planeja o Estado francês na atualidade, de vanguardas e de literatura como isso ou aquilo.

A liberdade não anda com identidade no bolso, não pode e nem se deixa apanhar por conceitos. Ela está na invenção da vida libertária, despreendida de preconceitos, dos sonambolismos das sentinelas que guardam as escrituras sagradas dos apóstolos das utopias. Não se aprende somente entre os iguais, mas entre os diferentes libertários, fazendo acontecer. Vivemos uma era em que falar é fácil e ser libertário é quase um desempenho teatral. Engana-se aqui e acolá para convencer o idiota a *acreditar* no que ouve da boca escovada e esconder o que eles fazem ali e aí.

Os que se pretendem mais verdadeiros, autênticos, certos, primorosos, históricos, clássicos ou eternos se livram destas baboseiras ao encontrar Flora Tristán, Paul Gaugin (o insosso antropólogo Buell Quain, que também passou pela Polinésia e se instalou como *pesquisador* no Brasil do Xingu, pode ser visto como seu oposto, um suicida — o homicida covarde, discordando ligeiramente do contundente poeta Sérgio Cohn que diz ser o suicida um homicida tímido — como mostra Bernardo de Carvalho em *Nove noites*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002), Leonilson e psiu *PS:SP*. Eles desalojam os *bonzinhos* e os *revolucionários de plantão*. Estamos numa época em que a política se higienizou e se transformou em propaganda *clean*. O tráfego permanece congestionado de reformistas e revolucionários envelhecidos. Não se dê sossego!

Outro livro

Cosmópolis é um livro de Dom Delillo (São Paulo, Companhia das Letras, 2003) que trata de um dia na vida de um homem bem sucedido, poderoso, que do interior de sua limusine comanda, sai para dar ordens e trepar com mulheres, receber seus asseclas e atuar segundo as

verve

Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade...

coisas cotidianas que cercam a vida de um poderoso contemporâneo. De repente, num abril de 2000, durante um dia de trânsito congestionado em Manhattan, tudo está para acontecer, ali onde “as pessoas nas sociedades livres não precisam temer a patologia do Estado”, porque somos nós mesmos que “criamos a nossa histeria”. Aqui, um autor liberal permanece liberal. A literatura a serviço de uma admirável *neutralidade* na exposição.

Impossível ao liberalismo puritano estadunidense imaginar outra coisa: “havia pessoas se aproximando do carro. Quem seriam? Eram manifestantes, anarquistas, fossem o que fossem, uma espécie de teatro de rua, ou adeptos do quebra-quebra geral”(p.89). É show ou ameaça como show. “Um espectro ronda o mundo, gritavam”(p.90). Bem, e agora, qualquer pessoa minimamente informada sabe que não se está entre anarquistas, mas entre marxistas, menos Don DeLillo. Ele cria um *pastiche* misturando a abertura adaptada do Manifesto Comunista com atitudes anarquistas para endereçar ao leitor a constatação que a “cultura do mercado é total” (p.91). Vija Kinski, que neste momento acompanha o milionário Eric Packer no interior da limusine, explica, que os *anarquistas* protestam contra o cibercapital “que vai mandar gente para a sarjeta, pra estrebuchar e morrer” (p. 91), como se não houvesse passado semelhante, continuidade nas dominações, como se o passado fosse *menos* cruel. Por fim, antes que a frase *o espectro ronda o mundo – o espectro do capitalismo* apareça num gigantesco painel eletrônico, ficamos com o seguinte diálogo: “Você sabe em que os anarquistas acreditam./ Sei./ Me diga, disse ela. / A vontade de destruir é um impulso criativo. / Esse é também o princípio básico do pensamento capitalista. Destruição imposta. Velhas indústrias têm de ser impiedosamente

eliminadas. Novos mercados devem ser disputados à força. Velhos mercados devem ser reexplorados. Destruir o passado, criar o futuro” (p.93). Dessa maneira responde e conclui o que registrava na página anterior afirmando que os anarquistas querem deter o futuro, normalizar o futuro, impedir que ele domine o presente.

Não estamos mais no campo do escrito de outro liberal Vargas Llosa (tido como inimigo pela esquerda) que faz da literatura uma experiência de liberdade. Com Delillo, em *Cosmópolis*, estamos diante de um liberal assustado com as perdas humanistas do passado consagradas pelo mercado, numa época de idealização, apogeu e imaterialidade na sociedade de fluxos econômicos eletrônicos programados. Delillo nos quer fazer crer que haverá *purificação*, processo análogo a de seu personagem que, auto-centrado, é punido pelo autor com o suicídio involuntário. As mortes por excesso de vida, em *O paraíso é ali na esquina*, são agora substituídas por um niilismo de boutique. Quem ganha muito e perde em demasia não merece respeito. Esta parece ser a moral da fábula em *Cosmópolis*. Isso não é novo, veio junto com o capitalismo e se consagra na reparação por meio da caridade, levando ao redimensionado apogeu da compaixão. Falta piedade a Eric Packer. É isso que reclama Don Delillo. Não há compaixão em Flora Tristán ou em Paul Gaugin, externa Vargas Llosa; são apenas duas vidas em expansão. A autoria se recusa a pacificar, para tornar incontrolável o que a razão pretende domesticar. Em Vargas Llosa o anarquismo é uma utopia que gera vidas livres; em Don Delillo, com sua autoria para o mercado literário, é mais um caricato exercício de baderna. Delillo com seu puritanismo é desonesto: confunde, propositalmente, marxismo com anarquismo. É um neoliberal.

verve

Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade...

Estamos diante de um itinerário previsível, de um trajeto linear da história em aperfeiçoamento, no qual os ricos devem tirar lições, e nós, urgentemente, despertá-los para a caridade, restaurando na atualidade as virtualidades capitalistas. Na escritura de Don Delillo não há heterotopias, apenas a utopia no futuro, rumo à cidade celestial e para lá se chegar é necessário que se faça uma viagem aos infernos. Literatura de itinerário, previsível e fabuladora, condena o leitor a ser seu refém.

Diante de autores liberais emergem invenções e conservações da vida, desestabilidades, heterotopias, liberdades contrastadas pela busca de restabelecimentos, utopias e culpas a serem purgadas. Onde sexo era experimentação e revolta contra a ordem, como em Vargas Llosa, agora é pecado, infidelidade e abuso de poder aguardando pelos certos castigos. O que foi percurso para Flora Tristán e Paul Gauguin é apenas correção de itinerário para os Eric Packer da Manhattan. Se Delillo pretendia com o episódio dos *anarquistas* escrever a posteriori sobre a antevisão ao 11 de setembro, isso era uma parte da conta de seu agente literário. Nem um leitor idiota será apanhado por essa liquidação de mercado. Se Delillo é um grande autor ou não isso pouco importa. Deixemo-lo para o juízo da crítica. Delillo foi desonesto com o anarquismo e a desonestidade é uma prática abominada pelo puritanismo. Quem sabe ele não está andando por Times Square em busca de uma nova e boa história que entusiasme seu agente!

Em tempo, seu livro é dedicado a Paul Auster. Auster é autor, entre outros livros, de *Leviatã* (São Paulo, Best Seller, 1993), livro dedicado a Don Delillo. Nele se reconstrói a vida de Benjamim Sachs, um anarquista que teria praticado ou não um ato terrorista. Auster trata da trajetória de Sachs por meio da reconstrução de sua exis-

tência pelo amigo Peter Aaron. Entre outros temas, trata de escritos de Henry David Thoreau — que inspirou a ecologia de resistência — libertário pacifista estadunidenses que procurou realizar sua heterotopia de percurso. Ao leitor é suficiente, para conhecê-la, recorrer a *Walden* ou mesmo ao contundente *Desobediência civil*, escrito em 1849, por Thoreau, na cadeia, depois de se recusar a pagar impostos a um Estado cuja meta é guerrear e destruir outras culturas. Thoreau dizia que o melhor governo é o que governa menos e que há liberdade onde não há governo. Herdeiro do puritanismo transcendental de Emerson, ele inventou heterotopia de percursos ao se instalar em Walden, vivendo em equilíbrio com o que estava ali disposto junto à natureza. Fez da amizade com Ellery Channing uma relação imediata, livre de transcendentalidade, um abrigo precário. Queiram ou não, nem todo puritano é conservador. Thoreau aguarda por um libertário romancista.

Heterotopias de percurso

Michel Foucault afirmou em seu pequeno artigo “Outros espaços”¹, escrito na Tunísia, em 1967, que as heterotopias são encontradas em todas as culturas, apesar de não haver uma heterotopia universal. É o avesso da utopia ocidental que pretende a universalidade, um posicionamento sem lugar real. As heterotopias são contraposicionamentos, lugar real de realização de uma utopia. Em poucas palavras Foucault recupera os princípios que podem ser extraídos das emergenciais heterotopias que nos remetem a lugares da crise (momentos ritualísticos vividos por adolescentes, mulheres e velhos nas sociedades primitivas, mas também que atravessam nossa cultura, como na vida temporária nos colégios, no serviço militar e até nas viagens de



verve

Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade...

núpcias das virgens) e na nossa sociedade como heterotopias de desvios como as casas de repouso, clínicas psiquiátricas. De maneira clara e incisiva, como era de praxe, Foucault alerta, desde este primeiro princípio, para o fato das heterotopias não serem passíveis de julgamentos que consagrem o que é bem e mal. São caracterizações de espaços reais que realizam uma utopia.

Da perspectiva anarquista o estudo de heterotopias mostram as utopias no presente como sendo o atual dessacralizado que pode ocorrer num local ou num percurso. As heterotopias, dizia Foucault, respondem, no século XX, aos espaços de justaposição, simultaneidade, que conjungam o próximo e o longínquo, e também o disperso. Há uma tendência, alertava, à dessacralização do espaço privado e público, cultural e útil, familiar e social, de lazer e de trabalho. Foucault aproximando-se dos estudos da sociedade disciplinar, que realizou nos anos setenta, presente, naquele momento, a transformação da sociedade disciplinar, dos lugares, em sociedade de controle, dos fluxos. A noção de heterotopia ganha, então, dimensão outra a ser ampliada expandindo os seis princípios apontados por ele².

O barco foi, desde a modernidade, quem melhor traduziu as heterotopias, deslocando-se pelos mares até continentes, arquipélagos, ilhas, realizando os sonhos de civilizados. O barco levava para outros espaços, esse contínuo percurso de lugar em lugar, deslizava. São com barcos que Flora Tristán e Paul Gaugin puderam ir a outros espaços redimensionar suas próprias existências (ela foi ao Peru para voltar tornando-se uma socialista incansável; ele seguiu para a Polinésia, voltando a Paris e regressando em definitivo para as Ilhas Marquesas). As heterocronias vividas por Gaugin, não se resumem ao que se tornou, século depois, visitar a

Polinésia, sob um turismo que oferece “três pequenas semanas de nudez primitiva e eterna aos habitantes das cidades”³. Não era turismo, mas atitude de andarilho, sem lugares pré-determinados para visitar, sem hora marcada para o retorno. Da mesma maneira, Flora Tristán, em Arequipa, viu a tentativa de um belo e sorrateiro golpe na herança familiar se modificar em transformação da pessoa e de seus atos. Ir a determinados lugares, como andarilhos⁴, é experiência heterotópica, quase um sétimo princípio relativo à época de dessacralização do espaço: não é aqui ou ali que a heterotopia se realiza, mas no percurso levado por barcos no passado ou por astronaves no presente.

Packer, em *Cosmópolis*, fez da limusine seu barco no século XXI de onde comanda atravessando um itinerário conhecido, demarcado por mapas de ruas, avenidas e estreitos becos; fez sua heterotopia de tempo, sua heterocronia, acumulando histórias nos arquivos computacionais aos quais está ligado em rede pelo escritório central e nos fluxos pela dinâmica da economia computacional. Packer expressa também a desacralização do público e do privado, cultural e útil, familiar e social, lazer e trabalho. Do interior da limusine percorre o mundo, os fluxos monetários, o sexo, o casamento, os golpes, a segurança: assiste-se o planeta e se assiste ao planeta. Do exterior emergem atentados ao presidente, revoluções instantâneas de anarquistas, justaposição de espaços que o levam a atuar como figurante numa produção cinematográfica onde reencontra a outrora milionária *esposa*, agora, em apenas algumas horas, reduzida a uma pobretona pelo próprio marido, que atuando como sabotador, invadiu sua conta e transferiu, num átimo de segundo, com os dedos no teclado, todo o seu dinheiro para uma de suas contas bancárias. O li-



verve

Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade...

vro de Delillo nos remete à atualidade das heterotopias pelo reverso dos anarquismos⁵.

A dessacralização do espaço ocorre na sociedade de controle de maneira veloz, segundo os fluxos, levando o trabalhador intelectual a atuar despreendido dos lugares fixos. Navega-se no espaço sideral por meio de fluxos computacionais. Não é mais um barco que nos leva a surpreendentes e até exóticos pontos. As aventuras voltam a ocorrer dando fim à espionagem (ultrapassagem da guerra-fria, o paradigma da espionagem contemporânea). Os novos corsários, como sabotadores nas redes e fluxos, emparedam a polícia e provocam os múltiplos dispositivos de segurança, nomeados segundo os sonhos de proteção divina como os programas *anjos da guarda* ou localizadores de invasores, e podem num segundo se transformar em agentes de segurança. Se o anarquismo foi para a sociedade disciplinar uma heterotopia, o que será para a sociedade de controle?

Os anarquismos foram inventores de heterotopias intensas, o lado de fora da sociedade disciplinar e inspiradores nas revoltas de 1968. Dali se anunciou um deslocamento dos posicionamentos para os percursos. O que estava esboçado na sociedade disciplinar por artistas e socialistas libertários ganhará agora outra dimensão, a da intensidade diante da velocidade.

A sociedade de controle⁶, gera velocidade, atravessa territórios, fronteiras e faz seus fluxos se perderem no espaço sideral. Na história do espaço, dizia Foucault, passamos pelos conjuntos hierarquizados de lugares (as localizações que nos foram legadas da Idade Média), a extensão infinitamente aberta (do Renascimento) e os posicionamentos dispostos segundo séries, organogramas e grades (da sociedade disciplinar). Agora, os fluxos se fazem e refazem segundo velocidades, programas,

interfaces, protocolos, acrescentados a hierarquias, extensões, posicionamentos. A velocidade nos leva por transportes materiais (barco, automóvel, avião, foguetes) e imateriais (os programas) a espaços, culturas, lazers, famílias, sociedades; nos leva à exclusiva sociedade da comunicação, da participação constante: todos pela sociedade democrática que nos convoca a atuar na política aperfeiçoando a democracia, o mais precioso valor universal, um investimento em programas que vão da contenção à anulação das resistências. Mais do que um risco para a democracia, como sublinhou Alexis de Tocqueville, a opinião sobre todas as coisas e a participação ativa por meio de atuação na economia e na política, fazem a vida do rebanho contemporâneo, como alertaram Stirner e Nietzsche, chamando atenção para as religiões da razão.

Os anarquismos entram para as redes e seus fluxos eletrônicos como sabotadores de programas e inventores de vida. Os anarquismos vivem na sociedade de controle não mais pelos lugares em que criavam heterotopias, mas por percursos em que inventam experimentos. Eles, enfim, não possuem lugares fixos, contantes e imutáveis, como constataram Proudhon e Bakunin a despeito da existência anarquista.

Na sociedade de controle o trabalho intelectual comanda. Não são mais os operários que geram confrontos. Por seus sindicatos e organizações atuam, há muito tempo, desde a sociedade disciplinar, sob a forma de adesão, com sua *consciência social-democrata*, ajustando-se às negociações com empresários e burocracia estatal. Nas sociedades de controle, quando o trabalho intelectual toma a dianteira diante do chamado trabalho objetivo, exigem-se outras maneiras de atuação nesta *cosmópolis*. O anarquismo como prática social se desloca para o trabalho intelectual (segundo Max Stirner prá-



verve

Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade...

ticas libertárias não distinguem, em nenhuma época, operários, camponeses e intelectuais) reaparecendo, desde 1968, nas universidades e associações culturais, inventando práticas sem pretender ocupar o *lugar da resistência* (estratégia própria dos adeptos do socialismo autoritário que precisam saber e ter um lugar para *comandar* as massas). Contesta *globalizações*, revisita-se e problematiza sua história, a doutrina e seus supostos sentinelas, espectros que no presente pretendem manter intocáveis os *fundamentos* do Anarquismo.

Os anarquismos vivem agora mais uma metamorfose, ao lado daquela em que a biologia saltou para a biologia molecular, reunindo em um código genético o que estava disperso. Foi preciso, salienta Deleuze, “que o trabalho dispersado se reunisse nas máquinas de terceira geração, cibernéticas ou informáticas. Quais seriam as forças em jogo, com as quais as forças do homem estariam então em relação? Não seria mais a elevação ao infinito, nem a finitude, mas um finito-ilimitado, se dermos esse nome a toda situação de força em que um número finito de componentes produz uma diversidade praticamente ilimitada de combinações”⁷. 1968 não foi acaso, nem determinação material, apenas a expressão da falência dos domínios e saberes disciplinares apanhados pelas irreverências das revoltas juvenis, na luta contra o assujeitamento.

Os anarquismos passam a ser problematizados num percurso que vai de Max Stirner aos sabotadores anônimos da Internet; não têm sossego, como nunca deram ou tiveram. Apenas os percursos se desdobraram. Os heterotópicos são ainda crianças revolucionando as certezas adultas, o proselitismo radical, o transvestismo do revolucionário em jovem reacionário vomitando, do seu púlpito portátil, programas radicais. Os anarquistas vivem e sobrevivem para burlar o apriorístico e detonar o

consagrado. Permanecem libertários evitando hierarquias e um saber que faça superior uma de suas práticas. Nas suas diferenças fortalecem *federações* ou associações autogestionárias, propiciando caducidades aos mercados. Os anarquismos não são alternativas ao *mercado*, nem se ajustam a programas mais ou menos verdadeiros. Não dependem de consciência superior e de teorias. Diversificam suas decisões depois de ouvir a muitos. Como dissera Bakunin, o justo, e para um anarquista ainda restará a utopia do justo, só se pode tomar uma decisão, depois de ouvir mais de um. Com essa sugestão livrava a prática libertária dos agenciadores e dos condutores das massas, mas não livrava o anarquista do julgamento por meio de um valor superior determinado antecipadamente.

Os anarquistas não estão disponíveis aos programas, às centralidades, às consciências superiores. Daqui decorrem as resistências libertárias na sociedade de controle, em que intensidades se interpõem a velocidades.

Os anarquistas foram e são nômades. Antes de qualquer coisa lutam contra o Estado e os estados de autoridade. Os anarquismos não fundam na sociedade espaços de ilusão ou de compensação, mas numa época de comunicação e controle, em que não se carece de pastores para conformar os iracundos, não faltam, também, os *pregadores*, os herdeiros do Anarquismo, seus sacerdotes da verdade infinita. Ninguém é inocente, mesmo!

O libertário contemporâneo vive em percurso. Está na universidade, na associação cultural, nos institutos, nas casas, nas relações amorosas, entre amigos, nas redes de Internet, nos *sites*, nas ruas, entre empregados e desempregados, ocupados e anarco-punks. De fato, não é mais surpreendente que entre os jovens

libertários sobressaiam os anarco-punks, vindos das periferias das *cosmópolis*, do desemprego, da lumpenização, do *no future*, aqueles em que Proudhon e Bakunin encontraram potencial revolucionário e que os liberais e os socialistas autoritários estigmatizaram como massa de manobra. Não causa espanto, também, que entre os universitários os anarquismos venham se disseminando e evitando ser apanhados pelo academicismo, consagrador de modelos, cópias e semelhanças. Na universidade também os anarquismos surpreendem. Mas tanto quanto incomodam, ajustam-se também ao *bom e velho* academicismo domesticando os anarquismos e os jovens contestadores em acomodados bolsões do Verdadeiro, que cedo ou tarde lhes darão mais do que um título honorífico.

Um terceiro outro espanto, mas não derradeiro, é aquele gerado pelo academicismo ao dissociar o anarquismo em teoria (na universidade, na *academia*) e prática (nas periferias, em qualquer movimento social). Esse sobressalto é fácil de espantar. Apesar de proclamarem-se anarquistas, seus *adeptos* ao cindirem teoria e prática, pensam prática sem discurso e anarquismo como teoria — o agente soberano do pensamento, o cetro da verdade, o iluminador de consciência, o *organizador do carnaval*, enfim, outra vez, mais uma versão do intérprete das forças inconscientes proclamado por Hegel, o lugar do imperador, do tirano, da vanguarda, do corportivismo, do mesmo dominador, da uniformidade. Isso é anarquismo acadêmico, titulado e honorífico! Isso é nivelar o anarquismo ao marxismo, e este não precisa do anarquista; dele se livrou pela teoria e pela prática dos campos de extermínio.

Houve um tempo em que não havia anarco-punks e que se estudava o anarquismo na universidade como identidade, para condená-lo à infância da luta operária,

coisa ultrapassada. Ainda criança, a anarquia desrespeita os verdadeiros sábios que pretendem consolar a vida dizendo, como uma cartomante, isso é verdadeiro, esse é o futuro!

Não há futuro, só presente, com heterotopias que reviram pelo avesso os consolos utópicos dos lugares ir-reais, para acontecer nestes e naqueles lugares na atualidade, e por este percurso, caminho do andarilho, surpreender os itinerários dos viajantes.

Notas

¹ Michel Foucault. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Manoel B. da Motta (org.), Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001, Ditos e Escritos vol. 3.

² Os seis princípios, brevemente apresentados, são: 1. toda cultura constitui heterotopias e não há uma heterotopia universal; 2. cada heterotopia que não deixou de ocorrer tem funcionamento preciso e determinado no interior de uma sociedade (cemitério); 3. as heterotopias podem justapor espaços incompatíveis como o teatro e o cinema; 4. heterotopias estão ligadas a recortes de tempo, por exemplo: museus e bibliotecas no século XIX, ou com o que há de mais fútil no tempo, as heterotopias crônicas (feiras, cidades de veraneios...); 5. as heterotopias supõem sistemas de aberturas e fechamentos que as isolam e tornam impermeáveis (caserna e prisão) ou que parecem simples aberturas mas escondem reclusões (os quartos de hóspedes das fazendas brasileiras no século XIX ou os motéis norte-americanos no século XX); 6. heterotopias têm funções de espaço de ilusão (os bordéis) ou de compensação (as colônias dos descobrimentos ou a perfectibilidade dos jesuítas).

³ Michel Foucault, op.cit., p. 419.

⁴ Friedrich Nietzsche, em *Humano demasiado humano*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, [638], distinguia o viajante do andarilho enquanto maneira de se atingir ou não a meta final.

⁵ No volume 2 de Verve procurei deter-me nas *heterotopias anarquistas*, ainda consideradas segundo os lugares. Edson Passetti, "Heterotopias anarquistas" in *Verve*, São Paulo, Nu-Sol, 2002, vol. 2, pp. 141-172.

⁶ Para uma noção da sociedade de controle, ver Gilles Deleuze. *Conversações*. Rio de Janeiro, 34 Letras, 1991.

⁷ Gilles Deleuze. *Foucault*. São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 141.



verve

Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade...

RESUMO

O livro Paraíso na outra esquina, de Mario Vargas Llosa, instiga a uma viagem sem itinerário que problematiza os anarquismos e a noção de utopia. Ensaio acerca do fazer-pensar heterotopias de percursos que nos mostram a dessacralização dos espaços na sociedade de controle e a atualidade dos anarquismos, entre trabalhadores intelectuais e anarco-punks.

Palavras-chave: *heterotopia, anarquismos, sociedade de controle.*

ABSTRACT

The book The Way to Paradise, by Mario Vargas Llosa, instigates to a trip without itinerary that discusses anarchisms and the concept of utopia. It is an essay on doing-thinking heterotopias of course that shows the desacralization of spaces in the society of control and the contemporariness of anarchism, among intellectual workers and anarcho-punks.

Keywords: *heterotopia, anarchisms, society of control.*

Recebido para publicação em 4 de agosto de 2003